

PREFÁCIO¹

FOREWORD

Austregésilo de Athayde*
(*In memoriam*)

Neida Lúcia Moraes publica novo romance, desta vez focalizando os mais graves e prementes problemas da sociedade moderna, produzidos pela desorientação da juventude, com a ausência dos valores espirituais, que se dispersam, como se fôssem açoitados por um tufão. O livro chama-se *Sete é número ímpar* e desenvolve-se à base de diálogos, nos quais os espíritos manifestam as suas tendências, diluindo-se a trama romântica, numa permanente troca de conceituações de ordem filosófica e moral, ou em debates de natureza sócio-política, que manifestam e aprofundam a posição dos personagens, todos jovens, pois que o objetivo da autora é exatamente fixar os traços psicológicos da mocidade, vítima de tantos desencontros, mas permanentemente lançada para uma busca, que em muitos

¹ ATHAYDE, Austregésilo de. Prefácio. In: MORAES, Neida Lúcia. *Sete é número ímpar*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971. p. 13-14.

* Presidente da Academia Brasileira de Letras (1898, Caruaru-1993, Rio de Janeiro).

assume formas de paroxismo, marcadas pela intransigência, capaz de conduzir até o crime.

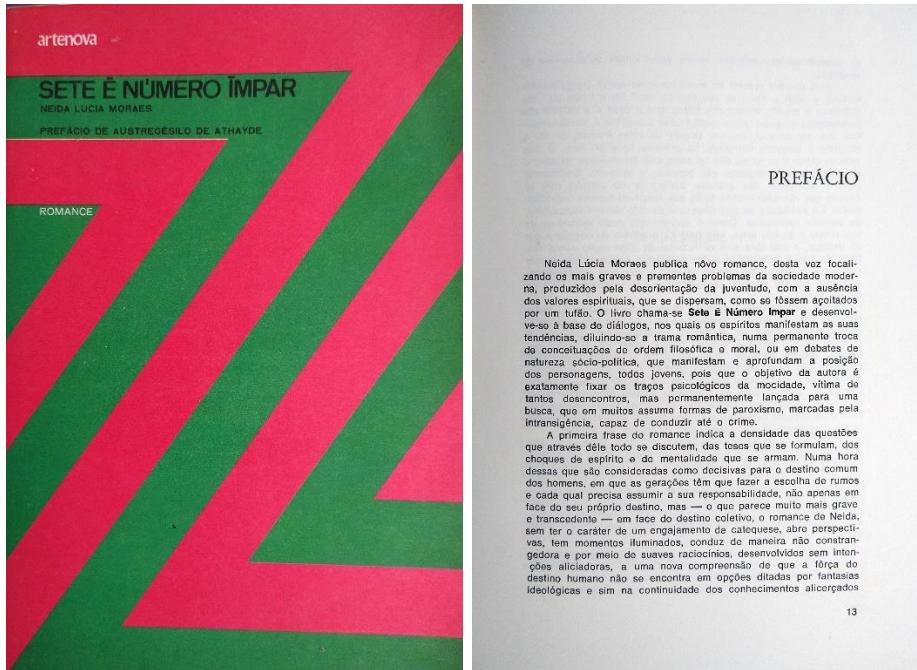
A primeira frase do romance indica a densidade das questões que através dêle todo se discutem, das teses que se formulam, dos choques de espírito e de mentalidade que se armam. Numa hora dessas que são consideradas como decisivas para o destino comum dos homens, em que as gerações têm que fazer a escolha de rumos e cada qual precisa assumir a sua responsabilidade, não apenas em face do seu próprio destino, mas — o que parece muito mais grave e transcendente — em face do destino coletivo, o romance de Neida, sem ter o caráter de um engajamento de catequese, abre perspectivas, tem momentos iluminados, conduz de maneira não constrangedora e por meio de suaves raciocínios, desenvolvidos sem intenções aliciadoras, a uma nova compreensão de que a força do destino humano não se encontra em opções ditadas por fantasias ideológicas e sim na continuidade dos conhecimentos alicerçados na experiência dos milênios, tantos dêles vindos pelas palavras da revelação.

"Você acredita mesmo na imortalidade da alma?", perguntou-me Marcos, e notei a ironia no seu tom de voz". Eis o limiar do livro, definindo a grande diretriz dos temas que a ação e a palavra das personagens tangidas pelas contingências compõem a trama romântica que, em resumo, procura através de vidas imaginárias dar a resposta à pergunta formulada na primeira frase do livro. O que importa saber é se há ou não há crença na imortalidade da alma e se a fé nessa imortalidade não constitui o elemento fundamental para a afirmação das grandes categorias do espírito, com as normas que necessariamente terão que impor ao homem individualmente e à sociedade de cuja direção e de cujo destino compartilha, de maneira irremissível. Como o escritor não pode separar-se do seu tempo e do seu meio, seja qual fôr o gênero de criação a que se dedique, a sua obra terá de resultar da observação direta dos fatos de que é testemunha e dos caracteres humanos que caíram sob seu exame. E na medida em que o fizer

com autenticidade, alcançará ser um genuíno representativo das tendências literárias do seu tempo.

Neste sentido *Sete é número ímpar* consegue algo de literariamente novo no Brasil, colocando-se na linha que tem sido especialmente inspiradora da novelística norte-americana posterior à Primeira Guerra Mundial, quando nomes como os de John dos Passos, William Faulkner, John Steinbeck e Ernest Hemingway surgiram, não como uma geração perdida, como a si próprios se denominavam, mas para a abertura de um gênero de íntima identificação do escritor com os problemas sociais emergentes numa sociedade titânica, que nascia das ruínas de tantas concepções tidas anteriormente como finais e incomovíveis, e de súbito abaladas senão desaparecidas nas lamaçentas trincheiras da França.

O novo livro de Neida Lúcia Moraes transmite lições cujo teor intelectual e moral servirá à juventude do nosso tempo, tão controvertida e igualmente tão desamparada pela incompreensão dos mais velhos. É o bastante para recomendá-lo. Além da contribuição literária que representa, colocando-se ao nível dos melhores romances da atualidade, apresento-o como exemplo àqueles que queiram chegar aos moços com espírito apostólico, para levar-lhes a grande e insubstiuível mensagem de esperança, força que nenhuma outra sobrepuja nos verdes corações.



Capa de *Sete é número ímpar*, de Neida Lúcia Moraes,
e página inicial do “Prefácio” de Austregésilo de Athayde sobre o romance.

Neida Lúcia Moraes publica novo romance, desta vez focalizando os mais graves e prementes problemas da sociedade moderna, produzidos pela desorientação da juventude, com a ausência dos valores espirituais, que se dispersam, como se fossem apilados por um tufo. O livro chama-se *Sete é Número Ímpar* e desenvolve-se em sete capítulos, sempre em torno de momentos de intensas tensões, diluindo-se o drama romântico, numa permanente troca de conceituações da ordem filosófica a moral, ou em debates de natureza sócio-política, que manifestam e aprofundam a posição dos personagens, todos jovens, pois que o objetivo da autora é exatamente fixar os traços psicológicos da mocidade, vítima de tantos desencontros, mas permanentemente lançada para uma busca, que em muitos aspectos forma um drama romântico, marcadas pela intranquilidade, que se condensa até o crime.

A primeira frase do romance indica a densidade das questões que através dele todo se discutem, das teorias que se formulam, dos choques de espírito e de mentalidade que se armam. Numa hora dessas que são consideradas como decisivas para o destino comum dos homens, em que as gerações têm que fazer a escolha de rumos e cada qual precisa assumir sua responsabilidade, é preciso olhar para o seu próprio destino, mas — o que parece muito mais grave e transacionante — em face do destino coletivo, o romance de Neida, sem ter o caráter de um engajamento de calequizes, abre perspectivas, tem momentos iluminados, conduz de maneira não constrangedora e por meio de suaves raciocínios, desenvolvidos sem intenções aliciadoras, a uma nova compreensão de que a força do destino humano não se encontra em opções ditadas por fantasias ideológicas e sim na continuidade dos conhecimentos aforçados

13